

Notícias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO IV — N.º 203 — Domingo, 28 de Abril de 1957

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR
As melhores tintas para navios de pesca e de comércio
Telefone 12
Depositarário nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES



AVENÇA

PREPARAÇÃO TÉCNICA E PROFISSIONAL DA PESCA

ENCONTRA-SE, presentemente, na Noruega uma missão portuguesa, composta por um investigador do Gabinete de Estudos das Pescas, um capitão da pesca do bacalhau e outro da do arrasto do alto, que ali se deslocaram por sugestão dos organismos corporativos das pescas, a fim de poderem

acompanhar de perto os aperfeiçoamentos que vão sendo introduzidos nas artes e métodos piscatórios.

Entre outros ensinamentos que a referida missão ali foi colher, salientam-se os que se referem às modernas técnicas de pesca de arrasto convencional e de meias águas, respectivas artes e manobra, a bordo de grandes, médias e pequenas embarcações; artes de pesca de demersais com espinhel e sua aplicação à pesca nacional do bacalhau; técnicas de conservação do isco; da pesca de cerco; do uso de redes de emalhar; da captura de crustáceos, etc., bem como prospeção de pelágicos e sua possível adaptação à pesca da sardinha, processamento da preparação do peixe para a exportação, pelo gelo, pela

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

Audiência

Não há dia mais trágico para o poeta do que aquele em que os Deuses não recebem. As preces mais sentidas esvoaçam nos seus lábios. Ajoelham, beijam a fíbria do vestido inconsútil. Humilham-se até onde a alma pode humilhar-se. Em vão. Ah!, tudo em vão. A face dos Deuses mantém-se implacavelmente rígida. Os seus olhos são frios e estão repletos de hostilidade. De ódio. Então, o poeta humilhado levanta a fronte que o fogo sagrado não iluminou, mas que resplandece agora de orgulho e de despeito. Increpa os Deuses. Injuria-os. Pois que sim, que se vão, e para sempre! É ele, ele e não os Deuses, quem não recebe nesse dia!

Não ponho reticências

Tal e qual. Acabei por guardar a caneta, pendurando-a no casquinho de malha. Era manhã. Um vento pueril amaciava a copa das árvores, como um gato roçando-se nas pernas da dona. Gosto desta cantilena suave. Habitualmente descobri-me, por meio dela, vastidões desconformes. Agora é uma porta que não se abre para nenhum horizonte.

Penso no Américo. O caçador furtivo, não sei se estão lembrados. Aquele que com uma fígua era capaz de pôr cá em baixo a Urso Maior, com meia dúzia de seixos afitados. Nem sei por que me lembrei dele. Talvez por ver um pinheirinho esgrovidado festejando, com movimentos descontrolados de adolescente, a sua primeira pinha. O Américo e os outros. É uma perfeita quadrilha. Os passarinhos da floresta vêm-se gregos com os

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)



EDIFÍCIO ADUANEIRO DE AIAMONTE

DURANTE CINCO DIAS cerca de 4.000 pessoas transitaram pela fronteira desta vila

As facilidades de trânsito na fronteira desta vila com Aiamonte, concedidas durante o período da Semana Santa, atraíram elevado número de forasteiros àquela cidade espanhola, onde as solenidades próprias da quadra se revestiram de especial pompa e brilho.

Durante cinco dias, de 16 a 20 do corrente, cerca de 4.000 portugueses ali se deslocaram, pondo mais uma vez à prova a excelente organização dos nossos serviços fronteiriços e a comodidade e rapidez dos transportes que fazem a ligação, pelo rio Guadiana, com Aiamonte — quer de passageiros, quer de veículos.

Por este motivo, tivemos ensejo de ouvir justos e merecidos encômios à eficiência com que a Polícia Internacional e as autoridades alfandegárias e da Guarda Fiscal regularam o movimento verificado na fronteira durante os referidos dias, de forma a impedir aglomerações e perdas de tempo, sempre com inexcusável correcção, circunstâncias que muito prestigiam a fronteira local — pelo que nos é particularmente grato dar-lhes o devido relevo.

FESTA DA ROBIALLAC

No cinema Santo António, na cidade de Faro, realiza-se, no dia 2 de Maio, uma interessante festa, comemorativa do 25.º aniversário da acreditada fábrica de tintas Robiallac.

O espectáculo, que tem suscitado grande interesse no Algarve, é preenchido por alguns documentários e conhecidos artistas da rádio e bailarinos, que se exibirão com bastante agrado do público.

Agradecemos o convite que nos foi dirigido.

AINDA Á VOLTA DE UMA PALESTRA

UMA RECTIFICAÇÃO E UMA CARTA

NO último artigo que aqui publiquei, referi-me, numa nota final, a um discurso pronunciado na Casa do Algarve pelo sr. H. Neves Franco, e ao comentá-lo cometi certas imprecisões que exigem rectificação.

Nesse almoço de homenagem aos reorganizadores da segunda Casa do Algarve, falaram vários oradores. E como a série dos meus artigos «A César o que é de César» ainda estava muito fresca, de quando em quando soavam umas frases mais agrestes que, indirectamente, pareciam remoqueos atirados à minha pobre

DO SR. HERMENEGILDO NEVES FRANCO

peessoa. Esse bombardeamento sucedeu de propósito? Por acaso? Foi apenas uma impressão minha? Nada sei dizer de concreto.

PELO
ENG. J. SILVA CARVALHO

E agora, também, já nada importa indagar.

Do muito que se disse nesse memorável almoço não tirei um único apontamento. Apenas me ficaram, de ouvido, algumas afirmações que, na altura de redigir a minha nota para o «Notícias do Algarve», julguei terem sido proferidas pelo sr. H. Neves Franco. Este meu amigo, porém, encontrou-me na «Brasileira» do Chiado e, após ler-me, pela segunda vez, o seu discurso, facilmente me convenceu de que eu tinha sido demasiado injusto na maneira como apreciei as suas palavras.

Ora eu posso ter muitos defei-

DR. SOUSA PONTES

Pelo sr. José João Ascensão Pablos, vice-presidente, em exercício, da Câmara Municipal de Loulé, foi empossado nas funções de presidente da Junta de Turismo de Quarteira o sr. dr. António de Sousa Pontes, em cerimónia realizada no gabinete da presidência daquele Município, no passado dia 13.

Muito é de esperar da acção do sr. dr. Sousa Pontes a favor do desenvolvimento da simpática praia de Quarteira, donde aquele ilustre algarvio é natural e a que sempre tem dedicado o maior interesse e carinho, pois, a par dos seus notabilíssimos estudos sobre diversos aspectos da economia do Algarve, publicados na imprensa Regionalista, os nossos problemas turísticos, nomeadamente os de Quarteira, têm sido motivo da sua particular atenção.

UM SONETO ESPANHOL

CINCO ACHADOS

I
CONHECI homens que levaram a vida à procura de achados, portugueses e espanhóis, franceses e italianos. Dos ingleses nada direi, pois o seu materialismo coloca-os em plano oposto aos filhos da raça latina, mais idealistas e sentimentais. O canal da Mancha separa as duas

raças vizinhas na geografia, na alimentação e nos costumes.

Homens de cultura diversa e de temperamento diferente, crenças, cépticos, sonhadores ou positivistas.

Fui amigo de um espanhol, que levou anos seguidos a jogar na lotaria espanhola e na portuguesa. Acalentava pelo Natal uma ilusão persistente, doentia, mesmo, dentro desta miragem enganadora: «El Gordo» e «A Taluda».

Um mês antes de Dezembro, escrevia para Aiamonte a um compatriota e amigo, para lhe comprar um bilhete da lotaria espanhola.

O bilhete ficava depositado na mão do amigo, para evitar qual-

«OS RIDÍCULOS»

Festejou cinquenta e dois anos de existência o nosso prezado colega lisboeta «Os Ridículos», publicação humorística que ocupa um lugar especial na nossa imprensa e que sempre tem merecido a simpatia do público.

Por mais este aniversário, apresentamos os nossos cumprimentos de sinceras felicitações ao seu ilustre director, sr. Rebelo da Silva, extensivas a todos os que trabalham naquele jornal.

quer surpresa na passagem do Guadiana...

Para Lisboa, escrevia a outro amigo fazendo igual pedido. Levo assim anos e anos a derreter dinheiro, à espera da sorte grande, que nunca lhe deu essa felicidade material.

Sonhou muitas noites com o seu ideal máximo e, não poucas vezes, contava-me esse delírio com exuberante alegria...

Principiou a sofrer do coração, como acontece à maioria dos jogadores e dos amadores.

O sub-título destes artigos contém algo de misterioso, enigmático e antiquado. Cinco achados, caro leitor, são para mim um ciclo de ilusões, de aventuras e ho-

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

FALA UM DIRIGENTE CORPORATIVO

A ACÇÃO DA F. N. P. T. na nossa Província

FOCADA PELO ENG. MARTIN GRAÇA, NA RECENTE INAUGURAÇÃO DE UM NÚCLEO DE SILOS, EM TAVIRA

QUANDO da recente inauguração, em Tavira, do Celeiro que a Federação Nacional dos Produtores de trigo ali mandou construir, o presidente daquele organismo, sr. eng. Luis Martin Graça, teve ensejo, no discurso que então proferiu, de esclarecer alguns aspectos da produção de trigo no Algarve e referir-se, com especial conhecimento de causa, aos problemas do seu armazenamento. Pelo manifesto interesse de que se revestem as suas declarações, transcrevemo-las, seguidamente, nas suas passagens essenciais:

Apenas razões de ordem técnica levaram a construir em Tavira a unidade em que nos encontramos. Se fica ao serviço da Lavoura do concelho, fica servindo também o interesse da Lavoura de toda a Província. Porque é que, então, se localizou aqui?

Ainda que muito rapidamente, façamos um pouco de história.

Como V. Ex.ª bem sabem, nos primeiros anos da vida da Federação, o organismo interveio apenas no problema do trigo, que é o único cereal que, então como hoje, tem de ser obrigatoriamente entregue nos nossos celeiros.

DR. JORGE DE O. FAGULHA

Foi contratado para as funções de segundo assistente da cadeira de Ginecologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, o sr. dr. Jorge Manuel de Oliveira Fagulha, filho do sr. prof. Virgílio Ferreira Fagulha, ilustre Director do Distrito Escolar de Faro e nosso prezado amigo.

CASTRO MARIM

e a visita do sr. ministro das Obras Públicas

Do sr. professor José Pedro Pires Parra, destacada figura de Castro Marim, recebemos uma carta em que, a propósito da notícia dada por este jornal sobre a recente visita do sr. ministro das Obras Públicas ao Algarve, lamenta que não tenha sido feita especial referência à sua breve estadia no concelho de Castro Marim. A falta, se falta houve, deve-se à circunstância de se ter reduzido a notícia ao indispensável, porquanto já a imprensa diária se lhe referia pormenorizadamente alguns dias antes. E nós nunca alimentámos a veleidade, com uma publicação semanal, dos noticiários em primeira mão... à compilação com os jornais diários. Todavia, porque a carta do sr. prof. Parra contém informações e esclarecimentos de evidente interesse para um sector importante da lavoura do concelho de Castro Marim, publicamo-la, seguidamente, com o maior prazer:

Ex.ª Sr. Director do «Notícias do Algarve»

O seu muito apreciado jornal, n.º 201, de 14 do corrente, sob o título «O Algarve aguarda» com confiança que a visita do sr. ministro das Obras Públicas resulte a satisfação de algumas das suas principais aspirações», dando em seguida a agradável notícia da sua visita a Sagres, Lagos, barragem de Odeixeira, Alvor, Caldas de Monchique, Praia da Rocha, Portimão, Silves e ponte do Almargem, no concelho de Tavira, finalizando por dizer que, depois de uma breve permanência em Vila Real de Santo António, onde visitou o local em que será construída a doca

de pesca, o sr. ministro das Obras Públicas seguiu para Mértola, a fim de observar os trabalhos em curso da ponte sobre o rio Guadiana, donde regressou a Lisboa. Focou o seu jornal muito bem esta visita, informando com a costumada proficiência os seus estimados leitores, mas, — há sempre um mas — nada se refere à visita do sr. ministro a Castro Marim, reunindo em Beliche mais de uma centena de proprietários que, com paciência evangélica se dignou ouvir durante cerca de duas horas sobre a terapêutica a aplicar para atenuar ou remediar o mal causado pelas obras daquela infeliz barragem e ponte de Beliche

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

APROVEITAMENTO dos Sapais de Alvor

Em concursos realizados na Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, para adjudicação das empreitadas de construção da rede secundária de rega e de execução das injeções de impermeabilização na fundação e nas juntas da barragem de Odeixeira e de ligação do revestimento dos túneis inicial e do Moínho Velho ao terreno, empreitadas que estão incluídas nas obras de aproveitamento dos Sapais de Alvor, e cujas bases de licitação tinham sido fixadas, respectivamente, em 12.000 e 1.200 contos, foram apresentadas, para o primeiro concurso, três propostas, sendo a mais alta de 12.897.002\$50 e a mais baixa de 10.321.360\$00, e, para o segundo concurso, duas propostas: uma de 1.057.700\$00 e outra de 1.144.600\$00.

A dos outros cereais era facultativa.

Quando, em 1955, se procedeu, rapidamente, à construção das primeiras 300 unidades de armazenagem, com a capacidade global de 150 mil toneladas, algumas foram localizadas na Província, em Aljezur, Lagos, Portimão, Silves, Albufeira, Loulé, Faro, Vila Real, Castro Marim e Alcoutim.

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

FIGURAS DA ACTUALIDADE

NEHRU



TERMINAMOS com Nehru a primeira série das «Figuras da Actualidade», que temos aqui publicado. Na primeira oportunidade, recomencemos, porque muitas, ainda, ficaram por trazer às nossas colunas, entre elas Ben Gurion e Nasser.

A questão que existe entre Portugal e a União Indiana em volta de Goa, o caso de Caxemira e as declarações e atitudes ambíguas e desconcertantes de Nehru vieram pôr a descoberto um jogo pouco honesto de que se serve o primeiro ministro indiano para lograr obter a realização de um complicado plano expansionista, que deve ter

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

apresenta
UMA CRÓNICA
por semana

A PERSONALIZAÇÃO NO TRABALHO

ESTABELECEU a Companhia dos Telefones um sistema que julgamos de grande utilidade social, precisamente no momento que atravessamos, em que as pessoas parecem destinadas a integrarem-se no conjunto das coisas e das máquinas, como meros autónomos. Dia a dia se verifica uma despersonalização, que se traduz em egoísmo e menosprezo pelos nossos semelhantes e pelos seus direitos, não se preocupando ninguém com os deveres.

Pondo à disposição do assinante a sua assistente, a Companhia dos Telefones teve uma atitude simpática que merece o aplauso público. E' evidente que o sistema faz parte de um plano tendente a melhorar o serviço e a facilitar o trabalho interno, mas não podemos deixar de reconhecer que a medida constitui um benefício social e um exemplo a apontar.

Quem tem telefone sabe agora que é a sua assistente quem trata de tudo quando

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

De visita a sua família, esteve em Tavira o sr. dr. Pedro Pacheco Neto Mil-Homens, Juiz-Corregedor de um dos Circuitos Judiciais de Lisboa e nosso prezado amigo e assinante.

De visita a sua família, passou alguns dias em Faro, tendo, também, estado em Olhão, o nosso prezado amigo e ilustre colaborador sr. dr. Virgílio Passos, director e proprietário do Externato Liceal de Odemira.

Acompanhado de sua esposa e filha, regressou de Chaves, aonde foi passar as festividades da Páscoa, a esta vila, o nosso prezado amigo e assinante sr. tenente dr. Santiago João Carrilho Medeiros.

Acompanhado de sua esposa, vimos nesta vila o sr. eng.º Rui Ramirez Sanchez, nosso prezado amigo e assinante, em Lisboa.

Também esteve nesta vila, com sua esposa e filhas, o sr. eng.º Francisco Ortigão Gomes Sanchez, nosso amigo e prezado assinante, em Lisboa.

Regressou à Capital, acompanhado de sua esposa e filhas, o nosso querido amigo e assinante sr. dr. Jorge Lopes Bonança, funcionário superior da Câmara Municipal de Lisboa e advogado, que passou nesta vila as férias da Páscoa.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, onde esteve, de passagem para Espanha, com sua esposa e gentil sobrinha, o sr. António Ramirez, nosso estimado amigo e assinante, em Portimão.

Acompanhado de sua esposa e filhos, esteve nesta vila, a passar as festividades da Páscoa com sua família, o sr. eng.º Joaquim Travassos de Brito, nosso prezado amigo e assinante, na Capital.

De visita a seus pais, esteve nesta vila o nosso assinante em Lisboa sr. eng.º Joaquim José Capa Horta Correia.

Encontra-se em Paris o nosso estimado amigo sr. António Manuel Marques da Costa Rocheta, estudante de Medicina, que ali vai prosseguir os seus estudos.

Regressou a esta vila, com sua esposa e filhas, o nosso amigo e assinante sr. João Cumbreira Ramirez, que passou as festas da Páscoa na sua propriedade de Villanueva de los Castillejos, em Espanha.

Acompanhado de sua esposa e filhas, esteve durante alguns dias nesta vila, tendo-nos dado o prazer da sua visita, o nosso querido amigo e assinante em Viana do Castelo sr. Jordão Deleyto Domingues.

De visita a sua família, esteve nesta vila, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado amigo e assinante sr. João Francisco Ramos, dig.º escrivão de Direito.

A passar as festas da Páscoa encontra-se ainda em Lisboa, em casa de seu filho Hugo Ribeiro, a sr.ª D. Berta da Conceição Alves Ribeiro, esposa do nosso prezado amigo e assinante sr. Manuel Ribeiro Alves.

Com alguns dias de permanência, esteve nesta vila o nosso prezado amigo e assinante sr. José António da Cruz Palermo, 1.º cabo mecânico de Aviação.

Com pouca demora, esteve nesta vila, tendo já retirado para Lisboa, onde reside, o nosso prezado amigo e assinante sr. Damião Carrilho Medeiros.

Esteve entre nós, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado assinante sr. Raul Crespo, residente em Leiria.

Esteve nesta vila, tendo já retirado para Lisboa, onde reside, acompanhado de sua esposa e filho, o nosso prezado assinante sr. Dante Barbosa Guerreiro.

Encontra-se nesta vila, onde fixou residência, o nosso prezado assinante sr. José António Pacheco, que reside no Barreiro.

Acompanhado de sua esposa e da sr.ª D. Francisca Parreira, partiu para a Tunísia o nosso prezado assinante sr. João Félix da Silva, residente nesta vila.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa Redacção o nosso prezado assinante sr. António Gonçalves, sargento aposentado da Guarda Fiscal, residente em Odeleite.

Depois de uma melindrosa operação nos Hospitais C. de Lisboa,

MONTE GORDO PARAÍSO ALGARVIO

O VERÃO aproxima-se e ao teu espírito, leitor amigo, ocorre a ideia de um domingo passado à beira-mar.

Habitado à visita dominieira a Monte Gordo, poucas vezes te apercebes das belezas dessa magnífica estância balnear.

Convido-te, hoje, a um passeio mental, até à praia que tu adoras.

Seguirás comigo pela estrada da mata. Façamos o passeio de bicicleta, para melhor apreciarmos o panorama encantador que nos cerca.

Respiremos o ar saudável



dos pinheiros, deslizemos por essa estrada rectilínea e bem alcatroada, que nos levará a uma terra acolhedora, cheia de beleza e de encanto.

A manhã está limpa e o tempo sereno; a distância ouve-se um ligeiro ruído, que ao teu cérebro anuncia o marulhar das ondas; no teu rosto abre-se um sorriso de satisfação.

Somos chegados. Os 3 Km. foram decorridos, sem que nos apercebêssemos de tal, e para o sul podemos contemplar o mar, que tu, como algarvio, adoras como parte integrante do teu ser. Para a direita, erguem-se as vivendas daqueles que, como tu, mas mais abastados, souberam apreciar as condições desta praia.

Eis-nos chegados ao Casino, de forma circular, que nos faz esquecer o labutar diário e recordar os prazeres que o homem criou para divertir-se, mas tu, leitor amigo, que comungas do meu gosto, aprecias mais a natureza; contornemo-lo e desçamos para a beira-mar.

Os toldos policromados erguem-se em linhas paralelas.

A' esquerda, um centro de

diversões para as crianças faz a alegria da petizada.

Ao fundo, o mar. Olha para a sua imensidão, para a quietude das águas, para os barcos que à tua direita descansam da faina diária.

Ao teu rosto moreno chegam os raios solares desse sol doirado que só Monte Gordo possui.

O teu espírito rejuvenesce e o teu corpo recebe o afago das ternas e mornas águas do mar.

A prancha, a 100 metros da praia, espera-nos para descanso do exercício praticado.

Nademos um pouco, vol-



temos à praia e regressemos a casa.

A satisfação de uma manhã de domingo, passada em Monte Gordo, irá restaurar as tuas forças, para mais uma semana de trabalho.

Agora, já em casa, na tua mente conservarás a esperança de que mais de um domingo virá em que tu terás o prazer de visitar Monte Gordo, pequeno paraíso que a natureza criou em teu benefício.

G.

CINE-POZ

Hoje, em cinemascopo, o grandioso filme em Warnercolor TERRA DOS FARAÓS, com os consagrados artistas Jack Hawkins, Joan Collins e Sidney Chaplin.

Uma história assombrosa, que narra o destino e o modo de construção das pirâmides e a vida do famoso Keops e da sua felina esposa Nelliifer.

Para maiores de 12 anos.

Quinta-feira, o comovente filme português O DINHEIRO DOS POBRES, com os populares artistas Vasco Santana e António Silva.

Assine, o «Noticias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia.



PROVINCIA

TAVIRA

Procissões da Semana Santa

Com as costumadas pompas, realizaram-se nesta cidade as tradicionais procissões do Enterro e da Ressurreição, ambas com o acompanhamento de muitos fiéis e abrihantadas pela Banda de Tavira.

«O Prémio Nobel», em Tavira

O distinto «Grupo de Amadores de Faro» realizou no teatro local uma recita com a esplêndida peça «Prémio Nobel», na noite de terça-feira, 23 do corrente. Casa cheia, desempenho excelente e ambiente encantador.

Muitos aplausos merecidos ao conjunto de amadores, formado por pessoas da primeira sociedade de Faro e chefiado pelo actor Salles Ribeiro.

Feira de Sexta-Feira Santa

Realizou-se no Campo dos Mártires da República (Atalaia), a feira de Sexta-Feira Santa, a qual atrai sempre grande número de feirantes. Sendo inicialmente para transacção de gados, hoje é já uma feira importante, que dá sempre muitos proventos à Câmara e ao comércio local. Continua a ser muito notada a deficiente pavimentação onde se reali-

zam as feiras nesta cidade, pois o local é esplêndido e deveria haver mais cuidado para o mesmo, pois as nuvens de pó e as pedras que no recinto se encontram muito salientes, prejudicam imenso o trânsito dos milhares de pessoas que ali se deslocam.

Notícias Pessoais

Com grande felicidade, foi operado de urgência, no hospital desta cidade, o sr. tenente Francisco Solésio Padinha, administrador do concelho de Tavira. Fazemos votos pelo seu rápido restabelecimento.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso prezado amigo Manuel Valença, acompanhado de sua esposa.

Cemitério Municipal

Fomos, há dias, acompanhar um amigo à sua última morada e ficámos verdadeiramente assombrados ao verificarmos o estado de abandono em que o cemitério se encontra. A erva é tanta que parece uma seara e os restos de limpezas amontoam-se aos cantos das valetas, o que causa admiração a quantos ali vão prestar culto de saudade aos entes queridos. Chamamos a atenção de quem de direito, pois certamente ignora o que lá se passa e que não se verifica em cemitérios doutras localidades. — C.

Conta Gotas

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

piratas. Quando menos cuidam, têm o ninho esbandalhado e os filhos na gaiola. Bem lhes prego. Mas sem nenhuma conivência. Estou a falar-lhes e sinto que a minhas palavras não guardam nenhuma virulência. Estoiram seus azuis e rosa de sabão, antes de tocar nos ouvidos duros.

— Ouve aqui, Américo. Pensa na tristeza da tua mãe se te roubassem, se te levassem para longe.

O Américo, entretido a tirar o espinho de um pé (os espinhos nos pés são o grande problema da sua vida!) nem levanta os olhos para responder:

— Ora! Ela até ficava toda contente.

Não dou reticências à frase para não levar a perceber que ou ele ou eu pusemos humorismo nela. O Américo falou sério, com aquele tom resignado e manso de amargura que é tão frequente nas crianças e que tanto me impressiona. Quem arma de crueldade as mãos do menino é o mundo onde ele habita.

O profissional do crime

Como ia dissenho, a quadrilha, o «gang» juvenil, é o terror dos pássaros. Descobre-lhes o poiso com uma certeza de técnico, de profissional. Noutro dia, por exemplo. Estava eu, havia duas horas, deitada na rede. Aparece-me o Américo para a prática do costume. A escola, a profes-

sora, os colegas, a casa. Subitamente, o fio de voz quebra-se. Fica como que caído em transe: — Aqui perto há ninho. — Há agora! — Há. Não ouve este piu, piu, repiuiu?

— Ouço. O que tem?

— E' a mãe.

Levanta-se. Afasta-se dois passos. E exclama, apontando com o indicador sujo de terra:

— E' ali. E já estou a vê-lo.

Era, na verdade. Não deixei que ele o roubasse. Mas na tarde seguinte, quando lá voltei, pássaros já não havia e o ninho estava caído, inutil, como um poema fracassado.

O Milagre

Afinal, todos descobrem ninhos. A mata está cheia deles. Cada miúdo sabe um ninho. Eu, passo entre as folhas das árvores, olho para todos os lados — e nicles. Começo, como um espectral alquimista, a ver outro nesta ideia. Os Deuses, hoje, não receberam. Outra maneira: hoje não recebi os Deuses, por mais que eles batessem à porta. E' preciso assim, de vez em quando, para aprenderem. Esta situação compara-se bem à realidade. A mata cheia de ninhos, um ninho em cada ramo e os meus olhos incapazes de os verem. Acabam mesmo por nascer os três primeiros versos.

Fecharam-se hoje para mim as portas do milagre...

De repente, quando vou a tomar do estilete para caçar as borboletas, que distingo eu na forquilha de um ramo, na direcção precisa dos meus olhos? O milagre! Um ninho de melros. Recuo dois passos, assombrado, como se aos pés me tivesse caído um relâmpago. Fico dois segundos quieto, grudado de panno e de respeito. Mal respiro. Finalmente, resolvo-me a espreitar a arca divina. Avanço os olhos sacrílegos. Lá dentro, três ovinhos, serapintados de verde, guardam inocentemente o mistério da vida. Ali fico, imóvel, uma vontade doída de tirar o ninho, apertá-lo a mim, ficar para sempre na palma das mãos com o praser de haver escalado um ponto de altura vertiginosa. Mas recuo, lentamente. Tão gravado no mármore esse instante que ainda agora, de olhos vendados mesmo, sou capaz de encontrar, entre milhares de árvores iguais, aquela onde o milagre aconteceu.

María Manuella Nunes

QUEM PERDEU?

Encontram-se depositados no Posto da P. S. P. os seguintes objectos, que serão entregues a quem provar pertencer-lhes: Um véu para criança, uma luva de senhora e uma caneta de tinta permanente.

A tiragem e a expansão de «Noticias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia duma útil e proveitosa publicidade.

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 20 a 26 de Abril:

TRAINEIRAS

Maria Rosa	37.710\$00
Norte	24.590\$00
Ramira	21.950\$00
Lagoa Azul	18.968\$00
Agadão	17.745\$00
Lenita	17.590\$00
Conceicanita	17.110\$00
Flor do Sul	16.365\$00
Brisa	15.145\$00
Tozé	14.870\$00
Audaz	14.740\$00
Mogador	13.480\$00
Malaca	13.285\$00
Infante	11.895\$00
Pérola do Guadiana	11.535\$00
Triunfante	11.360\$00
Flor do Guadiana	11.320\$00
Sul	10.607\$50
Aldita	10.120\$00
Rajada	9.520\$00
Raulito	9.500\$00
Liberta	6.800\$00
Levante	6.460\$00
Pinguim	5.480\$00
Tóluis	4.800\$00
Deolinda Rita	4.795\$00
Deus te guarde	3.410\$00
Praia do Van	970\$00
Clarinha	450\$00
Total	362.570\$50

CERCO

Novo Machado 9.675\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 19 a 26 de Abril:

Entrados:

FRAMAR, Italiano, de 499 ton., de Marselha, com carga em trânsito. ZE MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio. FUGLEN, Dinamarquês, de 478 ton., de Lisboa, vazio. ZUIDERZEE, Holandês, de 498 ton., de Nantes, com folha de flandres. MIRA TERRA, Português, de 562 ton., de Lisboa, vazio.

Saídos:

FRAMAR, Italiano, para Génova, com conservas. ZE MANEL, Português, para Lisboa, com minério e enxofre. FUGLEN, Dinamarquês, para Berwick, com minério. ZUIDERZEE, Holandês, para Huelva, vazio.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 27 de Abril a 3 de Maio, a Farmácia CARRILHO, Praça Marquês de Pombal — Telefone 49.

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE

Vila Real de Santo António

RECENSEAMENTO ELEITORAL

AVISO

Emilio Tenório Piloto, servindo de Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Vila Real de Santo António, torna público, nos termos do art. 18.º, da Lei n.º 2.015, de 28 de Maio de 1946, que desde o dia 1 até ao dia 10 de Maio, próximo futuro, se encontra patente na secretaria desta Câmara Municipal, durante as horas de expediente, o recenseamento eleitoral do Presidente da República e da Assembleia Nacional, referente ao ano de 1957, para efeito de reclamação.

Qualquer interessado ou eleitor recenseado no ano antecedente pode reclamar, até 15 do mês de Maio, para o Presidente da Câmara Municipal, de harmonia com o disposto no art. 19.º da citada Lei n.º 2.015.

Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, 27 de Abril de 1957.

Aspirante, servindo de Chefe da Secretaria, Emilio Tenório Piloto

VENDE - SE
UMA GELEIRA
TIPO FRIGORÍFICO
INFORMA:
JANELAS VERDES
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

JOSÉ VASCO NUNES
MÉDICO
Consultas todos os dias a partir das 15 horas.
Consultas aos pobres às Terças-feiras e Sábados — pelas 16 horas.
Consultório - Rua da Princesa, 90
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

encontra-se melhor de saúde, tendo-lhe sido dada alta, a sr.ª D. Rita Maria Cavaco, residente em Odeleite.

Nascimento

No passado dia 17, num quarto particular do Hospital de Loulé, deu à luz uma robusta criança do sexo masculino a sr.ª D. Ivone Júlia Cortes de Almeida, esposa do nosso prezado amigo e assinante sr. dr. António Joaquim de Almeida, chefe da Secretaria da Câmara Municipal daquela vila, e que durante vários anos exerceu idênticas funções em Vila Real de Santo António.

Os nossos cumprimentos de felicitações.

MOTOR MARÍTIMO - H. M. G. USADO

Potência: 180 H. P.; 4 Cilindros; 600 R. P. M., a gasóleo, equipado com a embraiagem hidráulica alemã REITJES (Embraiagem que equipa grande número de marcas de motores alemães). — Preço em conta.

VENDEM

HILDERICO DO NASCIMENTO PIRES e MANUEL GIL FERNANDES LAPA
VILA NOVA DE GACELA — Telefone 14
Em Tavira, Tel. 21 — Vila Real Sto. António, Tel. 236

Clínica de Santo António (CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre
Rua Guilherme Gomes Fernandes
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Um soneto Espanhol

Cinco Achados

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ras perdidas em amainar os vendavais da existência.

Contudo, não pretendo aguçar a curiosidade de alguma leitora curiosa e nervosa, ou mesmo de aquelas que já dobraram o Cabo da Boa Esperança dos 50 anos...

Nos meus cinco achados há um pouco da minha infância, mocidade e velhice.

Não entram neles mulher rica nem um bilhete da lotaria do Natal. Nada que possa despertar inveja ou sensação desconhecida.

Pratiquei até um gesto poético de escrever dez quadras ao Director deste jornal, à maneira de prefácio, para o elucidar da essência do meu trabalho.

Depois, arrepiei caminho, assustado, tendo na minha frente os dez mandamentos da lei de Deus. Recuei, estremei de arrependimento, não fosse eu agravar mais ainda a minha subida à mansão celestial...

Com nevrótica fúria, rasguei nove quadras, escapando apenas uma à temível devastação.

Ela aí vai, como um pecado, gritante, mistico e simples:

*Meu amigo Dias Pena:
Aqui mando obra de cruz:
Deixe-me rodar a antena
Sem bater no senhor Cruz...*

Estas quatro rimas significam um receio e uma confissão; uma súplica e uma prece.

Um notável professor de Estética, que arribou há poucos anos a esta cidade, pensou em proceder contra o Luz e o Cruz...

Que motivos levariam o egrégio sábio a uma tal injustiça? Uma banal discórdia iniciada pela execução de um corridinho mal bailado em lugar público, uma dessas ninharias em que a moral, o senso comum e a estética sofreram tratos de polé...

Uma insignificância, que nem devia sair do círculo dos seus amigos, discípulos e compadres.

Houve, porém, cuidado de consultar primeiro o pretor romano da justiça, esse que empunha a vara e interpreta o Código Penal.

Posta de entrada esta advertência, chegou o momento psicológico de penetrar no primeiro achado que fiz em menino e moço.

Cheguei a Portimão em um dia primaveril de Junho de 1888.

A ponte de então, com um alcapão mivediço, despertou-me curiosidade.

A Praia da Rocha causou-me justificada surpresa.

A seguir, a criação de duas filarmónicas — «Lamonas» e «Rançosos».

Comecei a trabalhar e a conhecer as figuras típicas desse tempo. Rapazes cultos e fortes, autênticos ginastas.

Com dois deles aprendi a decifrar charadas e a percorrer dois dicionários de léis a léis, à cata de sinónimos.

Nada me detinha na carreira vertiginosa do riso, da graça e do caminho para o futuro.

Aos catorze anos de idade, tinha já devorado «O Primo Basílio», «O Crime do Padre Amaro» e «A Velhice do Padre Eterno».

O Eça, o Junqueiro e outros heresjes desse tempo iam exercendo em mim uma influência maliciosa e salutar, atrevida e alegre, hoje reduzida a um lápis Faber, a que eu, em galante eufemismo, chamei antena...

Antena é o meu lápis a esboçar leves arabescos, aguarelas, claros-escuros, paisagens humanas, suaves, dramáticas ou picarescas.

O José Tomás pertencia ao número dos homens da patuléia, aquele período desordeiro em que os filhos do povo se transformaram em caciques e caceteiros, para servirem de guarda-costas aos influentes políticos locais.

Era um homem perigoso e temido, tanto mais que usava nas esperas nocturnas uma espingarda de tiro certo.

Quando travei com ele relações amigáveis, contava já 74 anos de idade; eu não ia além dos 12 anos.

O homem estava relacionado com figuras gradas de Portimão. O correio de Lisboa não partia diariamente, e as notícias, para chegarem mais depressa à capital, eram levadas por pessoas que iam para Lisboa.

O capitão da marinha mercante, Joaquim de Almeida Negrão, rapaz solteiro, folgazão e amigo do poeta João de Deus, passava temporadas na capital.

A família precisou de lhe mandar um recado urgente. O correio era demorado e o telégrafo ainda não chegara à província do Algarve.

A família do capitão, sabendo que o José Tomás seguia para Lisboa nesse dia, mandou por ele o recado. O José Tomás, mal chegou ao Terreiro do Paço, dirigiu-se à hospedaria onde estava o algarvio. O nome de pensão surgiu dezenas de anos mais tarde.

O nosso homem entrou pela hospedaria adentro e deu com a casa de jantar, cuja mesa comprida, embora chamassem então mesa redonda, estava ocupada por meia dúzia de pessoas a almoçar. Não viu o capitão Joaquim de Almeida e deixou a um homem baixo, de olhos vivos e barba intonsa, o recado da família.

Este homem era o seu amigo João de Deus.

Dez minutos passados, chegou o capitão Almeida e o poeta transmitiu-lhe o recado.

Ouviu-o com interesse, perguntando logo a João de Deus o nome do portador.

O poeta encolheu os ombros e disse não se lembrar. Mas, voltando a colher com a qual comia a sopa, desenhou sobre a toalha a figura esquelética e o nariz adunco do portador. O Negrão sorriu e declarou imediatamente:

— Já sei quem é — o José Tomás! João de Deus foi um grande poeta e admirável desenhador, como o demonstrou o esteta Manuel Teixeira Gomes em um folheto que deu a lume.

Marcos Algarve

FUTEBOL

HOJE

Em Vila Real de Sto. António

Realiza-se o anunciado encontro de futebol

Elvas - Lusitano

a contar para o Campeonato Nacional da III Divisão.

Em Portalegre:

Estrela - Serpa

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

Pela secção de processos da secretaria judicial desta comarca correm éditos de 20 dias, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados José Inácio da Silva Bento e mulher, ele comerciante e ela doméstica, residentes em Hortas, para no prazo de 10 dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução sumária movida por António Gomes Toledo.

Vila Real de Santo António, 23 de Abril de 1957.

O Chefe da Secção,

(a) António Figueiras da Cruz

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

(a) Francisco Nunes Correia

ACÇÕES

De «A Electro Fabril», compra-se qualquer quantidade, pagando-se ao melhor preço.

Resposta:

Apartado n.º 13 - FARO.

Dois cavalos extraordinários

Verificou-se, ultimamente, que a quantidade de veículos utilitários de baixo consumo que percorrem as estradas da Europa é cada vez maior. Uma das coisas que o automobilista prático procura é não só a segurança e comodidade, como ainda a economia. E' esta a razão por que as fábricas europeias têm estado conquistando o mercado interno, em virtude de satisfazerem praticamente todos estes requisitos.

A coisa mais extraordinária que se tem visto é a quantidade de CITROEN 2cv, em circulação, utilizados não só por comerciantes e industriais como — e em muito maior escala — por viajantes e pessoas que têm afazeres constantes e diários.

Tanto no mercado interno como em toda a Europa, este tipo de carro está sendo aceite de uma maneira que deixa prever um incremento de vendas que ultrapassa toda a expectativa.

Em Portugal é também grande o desenvolvimento da utilização deste carro, que, segundo os melhores técnicos, resolve o problema económico. Está sendo lançado ao mercado em quantidades enormes para as entidades oficiais (com mais de 150 carros), grandes companhias e numerosos utilizadores particulares.

E' claro que o comprador considera, e muito, o preço. Mas verifica-se que o capital a dispendir com um carro desta categoria é mínimo, em relação às grandes vantagens que ele proporciona, assim como as despesas de gasolina e manutenção.

De facto, um aumento de vendas, tanto em França, como noutros países tem vindo num crescente tal que ultrapassou as melhores esperanças.

Além do que já indicámos, outros factores se admiram neste carro extraordinário: uma óptima suspensão, o facto de um carro tão pequeno possuir aquecimento e uma mecânica digna de uma categoria muito mais elevada.

As fábricas CITROEN, que estão produzindo a um ritmo cada vez mais acelerado, continuam a introduzir constantes inovações neste tipo de carro, que é considerado ideal.

Como exemplo, foi lançado o 2cv de Luxo, que satisfaz inteiramente os automobilistas exigentes no que diz respeito a elegância, conforto e economia. Isto vem-nos provar que a equipa de desenhadores e engenheiros não pararam, quanto ao aperfeiçoamento de um carro já de si tão extraordinário.

Supõe-se que, com fundamentadas razões, dentro de pouco tempo, graças ao crescente desenvolvimento da indústria europeia e em

Uma crónica por semana

A PERSONALIZAÇÃO NO TRABALHO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

to a ele diz respeito e ao contacto pessoal com a entidade anónima que é a Companhia. Até aqui, havia apenas uma empregada desconhecida, a quem nenhuma simpatia nos podia ligar e a quem, sem qualquer cerimónia, se passava uma descompostura em forma, muitas vezes sem razão ou a propósito de insignificâncias facilmente remediáveis.

Agora, tendo a possibilidade de conhecer pessoalmente quem dedica todo o seu esforço, boa vontade e as horas de trabalho diárias a resolver os nossos problemas, a atender os nossos desejos e reclamações referentes ao nosso telefone, que a vida moderna já não dispensa, — e o faz sempre delicadamente e com um sorriso nos lábios, de uma forma simpática —, não vemos como possa prevalecer o desejo de a malquistar.

Serão certamente mais brandas as reclamações e mais delicadas, humanas e cordiais as relações com o pessoal da Companhia.

O sistema, todavia, não é ainda perfeito. Conviria torná-lo mais pessoal ainda.

particular da indústria francesa, a Europa inteira adoptará este tipo de carro.

Eis, portanto, um carro que, sob qualquer aspecto e em quaisquer circunstâncias, se pode considerar um carro de turismo e utilitário, ao mesmo tempo económico e rápido, cujas despesas de manutenção são tão pequenas que, de qualquer forma, se lhe pode chamar, sem sombra de dúvida, o carro da actualidade.

Não é, portanto, de admirar que um carro de tal tipo e com a segurança, conforto e grande economia que apresenta, seja, num futuro muito próximo, o carro de «toda a gente».

talvez que desse modo nos habituássemos a melhor conhecer e amar os nossos semelhantes.

A sociedade actual caminha, a passos agigantados, para um completo colapso de amor. Cada um procura servir-se o melhor possível, ainda que para isso tenha de cometer as mais torpes vilanias e baixezas. Convém evitá-lo. E' preciso que arripiemos caminho, que estequemos a tempo a nossa própria destruição. Uma maior familiaridade entre as pessoas será um meio de começar a conseguí-lo.

Poder-se-ia continuar a usar um número para designar a assistente, mas, com ineditável proveito, seria conveniente acrescentar um nome: Maria, Helena, Noémia, Dulce, etc. Bastaria uma pequena placa sobre a secretária. Haveria uma afabilidade maior, estabelecer-se-ia um contacto mais humano, a empregada deixaria de ser um número, para ser uma pessoa. Deveria até atender o telefone, dizendo:

— Maria, Assistente n.º 54, etc.

Mas nem só na Companhia dos Telefones as empregadas e os empregados necessitam de ter personalidade, ser gente, deixar de ser «coisas».

Nos organismos cooperativos, nas grandes empresas, fábricas ou companhias, nas repartições públicas e até nos modestos estabelecimentos, as pessoas carecem de ser tratadas pelo seu nome próprio.

Talvez que desse modo nos habituássemos a melhor conhecer e amar os nossos semelhantes.

A sociedade actual caminha, a passos agigantados, para um completo colapso de amor. Cada um procura servir-se o melhor possível, ainda que para isso tenha de cometer as mais torpes vilanias e baixezas. Convém evitá-lo. E' preciso que arripiemos caminho, que estequemos a tempo a nossa própria destruição. Uma maior familiaridade entre as pessoas será um meio de começar a conseguí-lo.

José dos Santos Marques

E TELBERTO - Cabelleiro



Participa a todas as Ex.ªs Senhoras que executam os mais actualizados penteados pela — técnica mais moderna —

Permanentes a frio, Quentes e Mornas

Tintas, Mises, Cortes, etc.

Óleos quimicamente preparados em novas fórmulas

Desfrisa cabelos encarapinhados

Salão LAUREA

RUA D. PEDRO V, N.º 5-1.º VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



V. T. MARTINS

RUA DA PRATA, 59 - 3.º ESQ.

TELF. 23690-25721

LISBOA

Tudo para a protecção das construções CIVIS E INDUSTRIAIS!

Vedações hidrófugas — Isolamentos — Pinturas PRODUTOS DAS MAIS ANTIGAS E CONCEITUADAS FABRICAS ESTRANGEIRAS

UMA ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DOS TÉCNICOS DA CONSTRUÇÃO!

ORÇAMENTOS GRÁTIS

Fixe a nossa marca E TOME NOTA!

Se deseja conservar o material ou o imóvel em bom estado, compre um produto realmente protector, empregando bem o dinheiro!

Antes de comprar, consulte, sem compromisso, os nossos serviços técnicos.



UMA SÓ GARRAFA... UM SÓ PREÇO...

VÁRIOS SABORES!

- LIMÃO
- LARANJA
- ANANAZ
- MORANGO
- GROSELHA
- GINGER-ALLE
- COLA CHAMPANHE

Ao tomá-los, V. dirá: Que bom!...

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

congelamento, pela salga e fumagem, além das técnicas de captura de tuniões. A missão visitará, também, portos e navios de pesca, estudará as directrizes seguidas pelas novas construções navais, apetrechamento de barcos, instalação do pessoal pescador, meios de salvação, etc.

A iniciativa é daquelas que merecem incondicional aplauso pelos benéficos resultados que pode proporcionar à nossa indústria de pescas, fornecendo novos elementos que permitam melhorar não só o nível técnico dos nossos profissionais, como, principalmente, dos nossos barcos. Simplesmente, não conseguimos evitar que uma dúvida se infiltre no nosso espírito: atendendo ao reduzido número de escolas de pesca de que dispomos e à insuficiente expansão do ensino técnico profissional entre nós, que providências tencionarão adoptar os nossos organismos corporativos da especialidade para que os ensinamentos colhidos não se confinem aos depoimentos e relatórios, ou que venham a beneficiar apenas um reduzidíssimo número dos nossos trabalhadores do mar?

Na nossa terra, por exemplo, onde a indústria da pesca constitui uma fonte de riqueza que, pela sua importância, tem apreciáveis reflexos na economia nacional, e onde a construção naval, como tivemos ensejo de salientar no nosso número anterior, representa um valor considerável que não pode ser ignorado, não sabemos como será possível difundir os conhecimentos que a missão acima referida foi colher a um país onde a técnica das pescas e da construção naval atingiu um dos mais elevados expoentes de progresso e aperfeiçoamento.

Quem poderá esclarecer-nos a este respeito?

CASTRO MARIM

e a visita do sr. ministro das Obras Públicas

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

que em hora fatídica ali fizeram construir.

Não ficou satisfeito o bairrismo de Castro Marim por este lapso ou esquecimento do seu jornal, e por isso resolvei escrever-lhe estas linhas, informando-o do que se passa, tanto mais que sei o quanto o Ex.º amigo, sr. Armando Rocha Cruz, se interessa pelas justas pretensões dos seus assinantes e muito principalmente pelos melhoramentos dos concelhos de Vila Real de Santo António e Castro Marim.

Ainda pelas últimas enxurradas, o amigo Rocha Cruz se dignou acompanhar-me e ao sr. Desidério de Jesus Rosa, infelizmente também proprietário em Beliche, a ver aquele panorama, o que prova o seu interesse pela nossa causa.

E para tudo bater certo, peço ainda ao digníssimo proprietário do «Notícias do Algarve» a fizeza de dizer que a visita do sr. ministro a Beliche se deve única e simplesmente à boa vontade empregada pelo ilustre Deputado da Nação, sr. engenheiro Sebastião Ramirez, que, sem alardes e sem procurar réclames de espécie alguma, tem posto a bem do Algarve a sua valiosíssima protecção, fazendo com que se construisse a estrada Vila Real — Mértola, em que tanto trabalhou, um subsídio para acudir aos estragos das Choças e vários outros subsídios para ajudar a Câmara de Castro Marim, que é pobre.

Que me perdõe a modestia de Sua Ex.ª, mencionando aqui o seu nome, mas faço-o por saber que durante a actual situação nenhum melhoramento se tem feito no Algarve sem que seja ouvida a sua autorizadíssima opinião, sendo sempre a eles a mais favorável possível.

Ainda o ano passado, a quando das grandes enxurradas das ribeiras de Beliche e Choças, que tan-

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

Ainda á volta de uma palestra

Uma Rectificação e uma Carta

do sr. Hermenegildo Neves Franco

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

E, numa atitude que muito apreciável, quis que partisse de mim a iniciativa de repor a verdade no seu lugar. No cumprimento desse encargo, encontro-me hoje aqui.

Na minha nota final, publicada no «Notícias do Algarve» de 7 de Abril, a alusão feita aos fornos crematórios está certa. Porém, o texto que gira á volta do 1640 está todo deslocado. Decerto foi um outro orador que aproveitou a imagem alusiva à nossa independência para castigar os críticos da primeira Casa do Algarve. A frase soou-me aos ouvidos. Tenho-a bem nítida. Mas não foi o sr. Neves Franco quem a pronunciou. E eu fui demasiado injusto mandando que esse nosso amigo lesse a obra do sr. Queiroz Veloso, e ainda muito mais injusto na «blague» que teci em volta dessa circunstância. Claro, não retiro o tom da ironia, apenas o desloco do suposto César para o verdadeiro César. A imagem continua e continuará a ser um combustível de primeira ordem para alimentar o meu forno crematório.

Na parte final da minha nota, parece que não fui rigoroso quanto às dívidas da primeira Casa do Algarve. A este respeito, o sr. Neves Franco enviou-me uma carta elucidativa, que bem se pode considerar um precioso documento em reforço de tudo aquilo que aqui deixei dito, nos quatro artigos de resposta à palestra do sr. Antero Nobre. Na primitiva Casa do Algarve não havia nem rei nem roque. Ignorava-se qual o montante das dívidas, «por falta de qualquer documento justificativo»!!

O sr. Neves Franco autoriza-me a dispor da sua carta conforme entender. Desta maneira, e para que não subsistam dúvidas sobre o carácter de lealdade que me anima, vou dar por arrumada a questão, transcrevendo-a na íntegra:

«Lisboa, 8 de Abril de 1957 — Senhor Engenheiro Silva Carvalho e meu Ex.º Amigo — Sem o menor comentário ao seu «P. S.» inserto no «Notícias do Algarve» de 7 do corrente — pois que o seu lamentável equívoco, que ao mesmo deu origem, ficou já suficientemente

esclarecido entre nós, com a presença dos nossos comuns Amigos srs. José Barão, Anastácio Honrado, Cabanas, Freitas e outros —, qualquer rectificação, do que for de justiça, no referido jornal, fá-la-á o meu Amigo, como ficou assente.

Permita-me, contudo, ainda um novo esclarecimento, para que, já agora, tudo fique no seu lugar, como é seu e meu desejo.

Certamente a falta de anotações das minhas palavras no almoço — como lealmente o declarou — originou outro equívoco no seu «P. S.», quanto à rectificação que pretendia dar sobre as dívidas da «Casa». Escreve o meu Amigo:

«Afinal, sempre havia dívidas, que o dr. Humberto Pacheco pagou...»

Ora, se tivesse tomado as suas notas e conforme igualmente já bem o esclareci, o que eu disse foi:

«Depois de pagar todas as dívidas da «Casa», com o produto duma subscrição, que logo se fez na Assembleia Magna a que me referi — na qual fui investido no ingrato cargo de Tesoureiro — e ainda com a quotização recebida durante alguns meses, verificando-se que a receita das cobranças começava a fraquejar, o que não permitiria a continuação da «Casa» sem entrar de novo em situação deficitária, foi resolvido encerrá-la definitivamente.

Restavam, de facto, dois credores: O sr. dr. Humberto Pacheco e outro que não interessa saber quem, porque se considerou pago. Quanto à dívida do sr. dr. Humberto Pacheco — cuja importância, aliás, se ignorava por falta de qualquer documento justificativo — declarou

este benemérito algarvio e meu velho Amigo que se considerava pago contra a entrega dos restantes móveis existentes na «Casa» e ainda de certo valor, o que se fez, móveis estes que o sr. dr. Humberto Pacheco informou ir oferecer à Misericórdia de Loulé.

Portanto, e em tais circunstâncias, tudo fora devidamente pago, como eu afirmara.

E lembra-se V. Ex.ª, decerto, que ao prestar com a maior clareza este esclarecimento, no almoço, foi o sr. dr. Humberto Pacheco o primeiro a apoiar as minhas palavras, tendo eu até, como V. Ex.ª igualmente deve estar lembrado, muito intencionalmente chamado a atenção de todos os presentes para o facto.

Em resumo: Não só o sr. dr. Humberto Pacheco não pagou dívidas antigas — como erradamente o meu amigo escreveu — como ainda se ressarciu de parte do seu crédito, o montante do qual, como já esclareci, não era conhecido ao certo.

E visto que o meu Ex.º Amigo quer dar a «César» o que é de César, estou certo de que dará a este meu esclarecimento a necessária projecção.

Tão pouco as minhas palavras, no referido almoço, teriam tido o menor significado, se os factos se não passassem como os acabo de narrar.

Antes de fechar esta carta, aprez-me, contudo, registar que muito apreciei, na nossa última conversa, a lealdade das suas explicações.

Com os meus cumprimentos e pedindo V. Ex.ª fazer desta carta o uso que melhor entender, do que me reservo igual direito, creia-me respeitosamente, consócio e Amigo. Neves Franco.

A ACÇÃO DA F. N. P. T.

na nossa Província

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Durante o período da Guerra Mundial, o milho que excedia as necessidades dos produtores passou, obrigatoriamente, a transitar pela Federação. Normalizada a situação, as entregas passaram a verificar-se com uma irregularidade impressionante, função do nível das produções e do interesse do comércio, não esquecendo e tendo em atenção que a garantia do preço e de recepção, sendo um poderoso auxílio facultado à Lavoura, só é utilizado na generalidade dos casos de acordo com as conveniências do momento.

Se a armazenagem para o trigo, localizada em especial nos concelhos do Barlavento e na zona serrana, é já, por vezes, diminuta em função do volume actual das produções, a intensificação do cultivo do milho, a que as obras hidro-agricolas concluídas ou projectadas darão maior incremento, veio trazer novos e graves problemas, dado os particulares cuidados de conservação que este último cereal exige, agravados com as condições climatéricas locais.

Mas nas necessidades, devido às entregas de milho, foram aumentando dia a dia; e, parafraseando, pode dizer-se agora que, quanto a armazenagem, «a hora do Algarve soou...»

Assim, já no ano findo, entrou em funcionamento um novo e amplo celeiro de 1.000 toneladas, em Vila do Bispo, centro principal da cultura do trigo, e neste momento está em ampliação o de Loulé e adjudicado o de Lagoa. Projectam-se ampliações e melhorias nos celeiros de Lagos, Portimão e Albufeira. Admite-se, ainda, a futura construção ou aumento de capacidade de outras unidades, e não se esqueça a exiguidade de armazenagem verificada em Faro. Há, mesmo, projectos mais vastos ainda.

Mas em Tavira nada possuímos de privativo. Portanto, ao preencher-se esta lacuna, surgiu a ideia, dado ser o milho o cereal que predomina no concelho, de se fazer uma instalação que, sendo especialmente equipada para as suas características, possa, no entanto, ser utilizada por qualquer outro cereal. E daí, o projecto deste celeiro-silo em que nos encontramos, e que, por ser

a primeira que se constrói no nosso País (e não sabemos se haverá idênticas), consideramos como uma «instalação-piloto», donde surgirão os ensinamentos para as que projectamos localizar brevemente noutras regiões, onde a afluência do milho aos nossos celeiros e a sua conservação estão trazendo, como se disse, novos e sérios problemas.

Cabe agora dizer que a concepção e realização deste «silo» pertence, inteiramente, a técnicos portugueses. O seu plano foi estudado pelos serviços da Federação. Os conhecimentos adquiridos pelo longo contacto directo e diário do nosso corpo técnico e os ensinamentos que o seu chefe, eng. agr.º Santos e Castro, colheu no curso sobre conservação de cereais, promovido no ano de 1955 pela O.E.C.E. e que teve lugar em Inglaterra, permitiram estruturar um plano a que a nossa indústria e a construção civil deram plena realização. Seguindo-se a outro empreendimento de vulto que, na especialidade, nos coloca a par de qualquer dos países mais adiantados — o núcleo de selecção e armazenagem de Vila Franca de Xira, que a mesma equipa planeou e executou, este «silo», mesmo na sua modestia relativa, é mais uma afirmação da capacidade de realização do Portugal de hoje.

Na sua construção figuram alguns cuidados de composição arquitectónica perfeitamente justificáveis e que se enquadram na fase do progresso e de embelezamento que está atravessando esta cidade. Assim procuramos corresponder à amável colaboração do Município, que nos cedeu o terreno, contribuindo para a valorização de um local que está destinado, certamente, num futuro próximo, a ter lugar de destaque num plano de urbanização.

NÃO HESITE Para os seus trabalhos tipográficos ou carimbos

TIPOGRAFIA SOCORRO FÁBRICA DE CARIMBOS Telefone 59 Apartado 3 Vila Real de Santo António

CRÓNICAS



IRREQUIETAS

IV

À Redacção deste Jornal têm chegado palavras de incitamento, alvítrios encantadores, que nós com satisfação lemos e gostosamente agradecemos.

As linhas por nós escritas, meio sérias meio a sorrir, não têm a finalidade de amesquinhar ninguém. Qualquer coincidência com factos reais, é meramente ocasional.

O calor, em cada um de nós, tem, por vezes, reacções diferentes e completamente pessoais.

Em mim, dá-me prazer passear, com calma e lentamente, por entre sombras e frescura.

Assim é, pois, que a mata, de um verde tão tentador, exerce sobre mim uma grande atracção.

Na semana passada fui sentar-me na mata, pois as sombras amigas daqueles pinheiros fortes e altivos convidavam o visitante a repousar na areia fina e a aspirar o cáldio perfume a resina e retama.

Tudo era calmo em redor. No topo de uma árvore, perto de mim, descobri um ninho de passarinhos esverdeados, que chilreavam alegremente.

O meu espírito, sereno e observador, via, com nítida satisfação, o passarito a brincar com os filhos, empoleirado na borda do ninho.

De repente, por entre uma moita de um verde luxuriante, apareceram dois olhos, duas mãos e uma fígua; depois, o som seco de qualquer coisa que se desprende, neste momento, uma pedra e uma vida.

Um segundo após, próximo de mim, um pássaro caiu, de olhos abertos, assustados, com o bico a abrir e a fechar, como num apelo mudo.

Fugiu. As sombras das árvores, ainda agora acolhedoras, pareciam grandes dedos a apontarem, a dizerem que todos nós somos causadores dos actos das crianças e que elas são os nossos espelhos.

Já na estrada que leva à vila, ouvi ao longe os sinos da igreja, tocando para a missa da tarde, num som meigo e perseverante, como a dizerem:

«E' Páscoa... E' Páscoa...»

Bilhete Perdido

«Querido

Vou partir; a distância que dentro de breves dias nos separará, irá contribuir para o nosso total afastamento.

Resta, em mim, a esperança de poder ver-te antes de partir e da nossa conversa resultar a comunhão dos nossos ideais.

Peço-te que estejas amanhã à tarde num banco do jardim. A tua primeira impressão, ao leres este bilhete, será fugir-me, mas reconsidera e não fiques...»

As nossas mãos veio parar este bilhete, e tornamo-lo público para que a pessoa a quem se destina não falte a um apelo tão sincero.

Você sabia que...

A Rua Artilharia 1 passou agora a ser: Artilharia... dois?

Certa senhora, tendendo para a adiposidade, que acompanha a filha por toda a parte, falando com ela sobre o casamento, diz-lhe:

«Ó filha, olha para eles, porque dum olhar intencionado depende o teu casamento.

Responde a menina: — Mas eu olho insistentemente e nada vejo, mamã!...»

Afinal, se tudo depende de um olhar, perguntamos: por que não consulta essa menina um oftalmologista?

Agora que a vila está povoada de motos, «scooters» e velomotores, não sabemos por que razão o Lusitano não efectua um «rally» na estrada da mata, local bastante apropriado, aproveitando os prémios, que ainda possui, de uma gincana que não chegou a realizar-se.

Duas jovens passeiam na Rua Teófilo Braga. O dia está bonito, a tarde amena e o calendário diz-nos ser domingo.

As duas meninas, que são duzas Primaveras em flor, dois corações

sem compasso, olham e falam do sexo oposto. Raramente as vemos ao domingo sem a agradável companhia de dois mancebos, regra geral em idade de tropa. Porém, desta vez encontram-se sós. Aguardam melhores dias (os dias de Inverno), e, entretanto, com uma pontinha de ciúme, dizem:

«Há tão poucos homens, que elas até se matam!...»

Com franqueza, não digam tão alto semelhante desabafo!

A perpendicularidade das ruas da nossa terra dificultam as curvas necessárias para se conhecerem os segredos de Polichinelo.

E' tal a paixão da pesca desportiva, que, no passado domingo, à noite, constou-nos que houve séria discussão acerca de um «encharroco», pescado na Praia de Santo António.

Houve quem afirmasse que era um «encharroco monstro». Por tal motivo, esteve em exposição na Praça Marquês de Pombal, se em Vila Real houvesse um Museu...

Os 2 Reportéres

NEHRU

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

arquitectado mais para destaque próprio do que para servir os reais interesses da Índia.

Quando uma nação é constituída por uma maioria de famintos, arrastando a existência nas mais precárias condições, e esmagadora multidão de analfabetos, vivendo lado a lado com grandes senhores que nada mais fazem do que continuar enriquecendo e desprezando os seus semelhantes; quando numa nação os homens adoram macacos e vacas, o que, em certo sentido, nos poderá dar uma imagem da sua mentalidade, quer-nos parecer que haverá dentro de

ela muito mais que fazer do que preocupar-se o Governo, para servir uma propaganda puramente especulativa, em anexar territórios que de há muito ganharam uma autonomia e um avanço civilizatório que nem de longe se comparam com o que predomina na Índia.

A auréola de prestígio, que a cínica política de Nehru havia criado à sua volta, apregoando os seus desejos de paz e fazendo acreditar ao Mundo ser o seu mais acérrimo defensor, como um castelo de cartas veio a desmoronar-se, quando os acontecimentos o forçaram a arrancar a máscara e a mostrar-se tal qual é na realidade.

E' agora, como consequência, um idolo de barro em quem ninguém mais acredita.

Normalmente, os ídolos nunca têm valor intrínseco, só as circunstâncias favoráveis que os rodeiam lhes dão o momentâneo prestígio. Quando, porém, a oportunidade chega, todo ele se desmorona e a face pútrida se nos mostra crumentemente, e os homens passam a acreditar mais em si mesmos e nas suas possibilidades, no que podem realmente realizar unidos, do que nas vantagens de serem guiados por um chefe que visa sempre mais os interesses próprios do que os da comunidade.

Índice e texto de José dos Santos Marques